

sas criadas e visíveis, e a maioria inclinada efetivamente às coisas odiadas pelo Pai! Mais me afligia ver um coração tão indigno, qual o daquele que ama o vício e odeia a virtude, ama o erro e odeia a verdade, a este digo, vê-lo dominar sobre a terra e como se fosse dono absoluto de si mesmo e ainda de todas as coisas, viver com ufania como se não houvesse pessoa alguma acima e como se Deus não fosse o Senhor absoluto de todas as coisas e não pudesse num instante fulminá-lo e reduzi-lo a nada. Viver assim esquecido da própria salvação, como se para ele não existissem os castigos eternos! E quanto me afligiam tais corações, minha esposa! Corações assim endurecidos e enfurecidos! Ainda mais, porque via causarem grandes náuseas a meu Pai, e excitarem-no e provocarem-no à ira. Por eles apresentava contínuas súplicas ao Pai, a fim de se aplacar e não pôr logo mãos ao castigo, como costumava fazer antes que eu viesse ao mundo. O Pai ouvia-me as preces e não podia deixar de escutá-las, porque o amor que me dedicava não lhe permitia não atender a tudo aquilo que dele reclamava. Dizia-me com bastante freqüência: *"Pede, amado Filho, aquilo que exiges de mim; estou pronto a conceder-te o que reivindicas, por seres meu Filho dileto, e cumpres perfeitamente a minha vontade."* Agradecia depois ao Pai pelo amor infinito com o qual me amava, e pela liberalidade empregada para comigo, concedendo-me tudo aquilo que lhe pedia. Agradecia-lhe ainda da parte de meus irmãos, porque todas as graças que pedia ao Pai, eram para sua utilidade, e como eles então não eram capazes de dar ao Pai as devidas graças, rendia-lhes eu por todos, e o Pai ficava satisfeito e muito mais por tê-las dado eu só do que se o houvessem feito todos juntos.

Os MAGOS DELIBERAM VOLTAR. Tendo os Reis, portanto, feito as adorações e ofertas, e instruídos por minha diletta Mãe, começaram a tratar entre si da volta aos próprios países. Afeiçãoados a mim, não teriam querido mais deixar-me e estimavam grande sorte ter podido tratar comigo. Mas, já sabiam ser vontade do Pai que retornassem a seus países, a fim de transmitirem pelo exemplo a vida espiritual a muitos, e reduzirem a gentildade ao conhecimento do verdadeiro Deus. Sendo os primeiros chamados à fé, deviam ser as pedras fundamentais de tão grande edifício que eu já tinha determinado edificar, querendo conduzir a gentildade ao conhecimento do verdadeiro Deus.

Decidiram partir e voltar ao próprio país. Não se resolviam a partir e tendo já os seus corações ficado presos de meu amor, não podiam apartar-se de mim sem grande pesar. Tive grande pena com a partida deles, vendo-os tão afeiçãoados e muito me compadecia, e ainda com gestos infantis demonstrava-lhes o desprazer que sentia. Oferecia esta pena ao Pai e pedia-lhe pelo pesar experimentado e pela resignação à sua santa vontade, se dignasse dar igual força e virtude às almas que, para cumprir a sua vontade, se houvessem separado dos amigos mais caros, a fim de poderem fazê-lo prontamente e de bom grado, tornando-se-lhe agradáveis, com perfeito desprendimento de todas as criaturas. Tudo isso prometeu-me o Pai.

Estando eu já ciente da malícia de Herodes, e sabendo do morticínio de tantos inocentes, por minha causa, pois ambicionava matar-me por temor de que eu o privasse do reino, supliquei ao Pai se dignasse fazer os Reis entenderem a maligna intenção do iníquo Herodes, a fim de que não efetuasse seu perverso desígnio para comigo. O Pai o fez, e por um anjo